Imprensa, Política e Sociedade no início do Século XX[1]

Célio José Losnak[2]

UNESP – FAAC- Bauru

RESUMO[3]

O texto discute a História do Jornalismo no início do século XIX ao apresentar uma especificidade de jornal que era produzido para ser porta voz de um grupo do PRP, e instrumento de luta política entre as elites locais, mas ao mesmo tempo, durante alguns anos, defendeu posicionamentos libertários e estabeleceu mediação com a classe operária, particularmente os ferroviários. O Bauru, produzido entre 1906 e 1924 no interior de São Paulo, expressou perspectivas políticas divergentes, como a defesa do livre pensamento, o ataque ao capital, a defesa dos poderosos, a crítica à Igreja Católica e a defesa da repressão dos grupos pobres e trabalhadores irregulares, como os negros.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa; jornalismo, política; história; classes populares;

Este texto pretende alimentar a discussão sobre o jornalismo no início do século XX, problematizando as transformações da imprensa e da prática jornalística das primeiras décadas, com ênfase em um periódico pequeno, e com foco na relação com a política envolvendo diversos grupos sociais. Como caminho, há um diálogo com obras tradicionais que analisaram os grandes veículos do Rio de Janeiro e de São Paulo do período.

Diante das inúmeras possibilidades de referência bibliográficas, escolhos alguns títulos para balizar a discussão. E o ponto de partida é considerar a produção midiática em geral, e o jornal especificamente, como produções sócio-históricas, articuladas às várias dinâmicas apontadas ou problematizadas e abordadas por inúmeros autores, com destaque para as seguintes questões: a instituição de mídia (finanças e financiamentos externos, métodos de recrutamento, ligações cotidianas com os diferentes poderes, relação de poderes internos na empresa e na produção da notícia, autoria, trajetória dos profissionais e suas relações sociais, o produto) (JEANNENEY, 2003); a imprensa como lugar de produção intelectual e espaço de sociabilidade em que os indivíduos articulam-se em torno de projetos coletivos de difusão de ideias e valores (SIRINELLI, 2003); a relação intrínseca

[1] Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Doutor em História Social e Professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP; email: losnak@faac.unesp.br
[3] Este texto foi subsidiado por duas pesquisas financiadas pela FAPESP: RIBEIRO, 2013 e GOBBI, 2010.

entre produção jornalística e as tendências da vida econômica, política, social e cultural (SCHUDSON, 1978); a notícia como obra cultural baseada em estruturas narrativas constituintes das mentalidades do público (DARNTON, 1995); a produção da notícia envolvendo várias "forças" em interação: pessoal, organizacional, social, ideológica, do sistema cultural, histórica, do meio físico, dos dispositivos tecnológicos (SOUSA, 2002); o jornal como agente social identificado a partir da relação entre a estrutura interna (texto, funcionamento, conteúdo, discurso, interlocução) e a sociedade (forças externas: público, poderes políticos e econômicos, elementos culturais do presente, interlocução) (BRAGA,2002).

Para iniciar remetemo-nos ao clássico de Sodré (1999) que enfatiza a virada do século XIX para o XX como a fase de início da transformação da imprensa tradicional para a moderna, como empresa voltada para o lucro, centrada no trabalho profissionalizado e utilizando novas tecnologias. Aos veículos do interior, segundo o autor, restava a posição de amadores, artesanais e submetidos à política. Mesmo que esse modelo possa ser reconhecido como factível para determinados impressos, seriam necessárias pesquisas que demostrassem essa tese, ou que à relativizassem apontando para diferentes matizes existentes.

O livro de Sodré revela um processo longo de transformação da imprensa e do jornalismo. Haveria uma complexa passagem do jornalismo político e amador para o profissional e empresarial. A despeito da disposição do autor de enfatizar as características modernas e empresariais, ele descreve uma imprensa que apresenta a maior parte de seus veículos articulados ao Estado ou enredados no debate político. Barbosa (2000) mapeia os principais veículos cariocas do período e identifica alguns voltados para a produção jornalística noticiosa e independente e outros mais opinativos, ideologizados ou alugados.

Em outra perspectiva, ao analisar a atuação dos jornais em relação ao golpe de 1964 e à ditadura subsequente, Smith (2000) observa que dificilmente a imprensa teve total autonomia em relação o Estado no decorrer do século XX, seja porque os vínculos ocorriam por meio de pressão, seja meio de conveniências. Em relação ao papel atuante dos impressos no golpe, tanto Smith (2000) quanto Aquino (1999) desvelam a importância da ideologia na condução do jornalismo ainda nos anos 1960.

Em relação à questão profissional e técnica, Ribeiro (2007) defende que alguns jornais cariocas implantaram elementos do jornalismo norte-americano e instauraram um ponto de ruptura da trajetória da imprensa. Ao mesmo tempo, a autora mostra brechas nesse

processo, indicando que interesses políticos e negócios escusos continuaram a pautar certos direcionamentos editoriais. Importante observar também que dois jornais de destaque dos anos 1950 marcavam sua intervenção no mercado jornalístico inclusive pela política que defendiam: o *Última Hora* apoiava Getúlio Vargas (TASHNER, 1987) e, depois da morte do presidente, manteve apoio ao projeto do PTB; a *Tribuna da Imprensa* foi criada como apoio da UDN e, como o próprio nome indica, foi palco do discurso de Carlos Lacerda contra Getúlio e o PTB.

Em relação a São Paulo no início do século XX, dois veículos se destacavam pela atuação política, *O Estado de S. Paulo* e o *Correio Paulistano.* O primeiro agregava a oposição aos governos, baseando-se na doutrina liberal e na crítica da política oligárquica, ao mesmo tempo em que defendia um projeto de hegemonia paulista para a nação (CAPELATO, 180,1989). Passava a abrigar textos noticiosos e informativos, apresentar temas e cenas do cotidiano urbano da cidade e registrar notas nacionais e internacionais vindas transmitidas por telégrafo. O segundo atuava como porta voz oficial do Partido Republicano Paulista e, por isso, o princípio do jornalismo era a defesa da política do poder no estado e no país, da informação aos seus correligionários, do debate entre pares e com os oponentes. Nessa perspectiva, a linha editorial era rígida e normatizada pelos objetivos do grupo mantenedor, os critérios jornalísticos estavam subordinados à luta em torno de poder e o jogo político constituía-se no principal objeto dos textos impressos.

Entre os dois jornais é possível identificar vários matizes de posicionamento em relação à política e ao jornalismo que lentamente se modificava. Um deles é *O Baurú,* um jornal do interior de São Paulo, lançado em dezembro de 1906, como o segundo periódico da cidade de mesmo nome, e circulou até 1924. Criado por um comerciante e advogado, Domiciano Silva, com o objetivo de expressar os interesses do Partido Republicano Paulista, embora não estampasse a denominação de "Órgão Oficial". O mais significativo do *O Baurú* é que apesar das amarras definidas pelo PRP, o jornal apresentou ligeiras variações em sua linha editorial, revelando variada composição de redatores e ambiguidade no perfil editorial, principalmente no período entre 1909 e 1914. A partir do início de 1909, ele passou a ser dirigido por Almerindo Cardarelli que imprimiu ligeira mudança em seu perfil[4]. O jornal continuou a representar um grupo dentro do PRP que ora apoiava, ora

[4] Quando apresentado como diretor e dono do jornal, Cardarelli é apontado como homem de confiança do partido. Ele teria trabalhado durante alguns anos na Companhia Paulista de Estradas de Ferro e, depois, mudara-se para Bauru. O jornal anuncia sua loja de livros e de papelaria e informa sobre o trabalho gráfico

criticava o poder municipal e o diretório local. Durante a campanha eleitoral de 1910, entre Rui Barbosa e Hermes da Fonseca, posicionou-se em defesa de Rui e encetou polêmicas que mobilizavam os textos jornalísticos e ultrapassaram o período eleitoral.

O periódico era bisemanal, tinha quatro páginas com a concentração de notícias e notas na primeira e segunda, podendo ser encontrados também editais, poemas, folhetim e a seção livre. Nas terceiras e quartas páginas predominavam os anúncios da cidade. O conteúdo centrava-se na localidade e na região próxima. Poucas notas remetiam-se aos acontecimentos estaduais e nacionais. Os internacionais eram raros. Pouquíssimas vezes lançava mão de ilustração e fotos devido às dificuldades da época para um periódico pequeno e interiorano reproduzir imagens.

Apesar de ser um veículo modesto, a partir de 1909, ele revela um posicionamento significativo em relação à classe operária marcando posição ao defender a organização dos trabalhadores. A defesa política de um grupo do PRP passa a conviver com notícias, notas, comentários e artigos libertários. A marca dessa postura é explicitada na edição de primeiro de maio de 1909 utilizando toda a página um para discutir o dia do trabalho. Com letras garrafais, no alto, aparecem três linhas acima da mancha de texto: **"Homenagem / A Festa do Proletariado / Salve! Primeiro de Maio de 1909 Salve!".** Abaixo seguem três textos: "Socialismo" fazendo breve histórico do movimento na Europa, citando alguns utopistas do século XIX e Marx e Engels, defendendo a postura legítima do jornal ao solidarizar-se com a classe operária; "1 De Maio" tratando da importância da comemoração e do caráter inovador social da classe operária, bem como da necessidade de basear sua existência segundo "os princípios do direito e da justiça" ; "Salve o Primo Maggio – Lavoratori" redigido inteiramente em italiano e defendendo a necessidade de organização operária. Além disso, na página dois, há um convite para participação em uma reunião onde ocorreria a comemoração operária de todas as nacionalidades.

Os textos comemorativos do dia do trabalho são publicados até 1912 e, nesse período, o jornal revela abordagem de dois temas importantes[5]. O primeiro refere-se ao movimento operário, anarquista e anticlerical[6]. Algumas notícias fazem referência ao

disponível, que seria o equipamento do impressor do jornal. Quando *O Baurú* reproduz polêmicas políticas publicadas por outros veículos, Cardarelli é citado como o interlocutor.

[5] O texto comemorativo de 1911 prevê, no futuro, o dia primeiro de maio como um feriado: "... reconhecendo os sagrados direitos dos trabalhadores, será obrigada a curvar-se perante a grande machina do movimento do progresso de todas as raças e proclamar em altos brados a pura e verdadeira Liberdade, Igualdade e Fraternidade" (**1º de Maio**. *O Baurú*, 01/05/1911, p.1).

[6] Nesse período há muitos textos criticando o clero e a Igreja, remetendo a acontecimentos locais, de outras cidades próximas e também de repercussão nacional.

movimento, posicionando-se em relação a acontecimentos ocorridos em São Paulo e na Espanha, embora não usem a palavra anarquismo[7]. Outras notas citam a existência de reuniões e eventos, inclusive com visitantes que apontam conexões com jornais operários de São Paulo[8]. Alguns textos são assinados por pseudônimos (Conde Negro, Nero), mas é possível identificar o professor Arymathéa redigindo textos e convidando o público para reuniões.

Nesse período, o jornal também abre espaço para noticiar e anunciar eventos e reuniões de grupos operários autodenominados de socialistas que buscavam ampliar os direitos dos trabalhadores por meio de lutas emancipadoras. Apesar serem pequenas e esparsas, no decorrer de alguns anos, essas notas em *O Baurú* abriam uma brecha incomum. Jornais publicados posteriormente na cidade de viés mais profissionalizado não continham a presença dos trabalhadores tanto no sentido de manifestação, de anúncio, de organização bem como de notícias que problematizavam as condições do trabalho operário[9].

No início do século XX, desatacam-se os redutos populares ou operários da imprensa nas capitais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Os jornais operários compostos pelos gráficos, de tendências anarquistas e socialistas, eram a alternativa para comunicação dos assuntos pertinentes à classe e às suas mobilizações políticas (FERREIRA, 1978). Havia também impressos com atuação mais ampla, um exemplo foi a Folha do Braz (1898-1901) editada no bairro paulistano do mesmo nome por Edgar Leuenroth, gráfico, jornalista e intelectual operário (CRUZ, 2000). No geral, a imprensa operária, presente em muitas cidades do país, era uma produção de classe: não tinha objetivos mercadológicos, não era estruturada por redatores profissionais e segundo princípios hierarquizados, utilizava alguma publicidade desde que compatível com os princípios políticos, o conteúdo visava educar, doutrinar e comunicar sobre os movimentos organizatórios e culturais. Enfim, era um tipo imprensa em que os comunicadores pertenciam ao mesmo grupo social dos leitores.

[7] Textos comentando a execução do professor espanhol Francisco Ferrer, criador da Escola Moderna difundida dentre os anarquistas, e criticando o despótico governo espanhol. Há também convite para a comemoração de um ano de morte do militante (*O Baurú,* 09/10/1910 e 16/10/1910). O evento era patrocinado pela Liga Socialista Internacional. No ano seguinte, há nota comentando a comemoração de dois anos da morte do "livre pensador". Em outro tema, *O Baurú* reproduz polêmica lançada por La Bataglia e A Lanterna (jornais operários de tendência anarquista impressos em São Paulo) ao publicarem denúncias de assassinato de uma menina no orfanato Cristovam Colombo em São Paulo. Os textos alimentam uma polêmica por meses, perpassam várias matérias em que surgem críticas à Igreja Católica, e sugerem que o responsável pela morte era um padre que estava sendo protegido pela Igreja (**Idalina**. *O Baurú*, 20/11/19010; **Onde está Idalina?** *O Baurú*, 26/02/1912).

[8] Na edição de 07/08/1901 há nota informando que José Romero, representando o jornal anticlerical "A Lanterna" ministrou a palestra intitulada "A ação perniciosa do clero" no Cinema Recreio. O convidado teria sido trazido pelo professor e redator José de Arymathéa Machado.

[9] *Diário da Noroeste*, publicado entre 1925 e 1930, e *Correio da Noroeste*, publicado entre 1931 e 1968.

Fora de seu próprio meio social, os trabalhadores tinham pouco espaço de representação. Os estudos de Prado e Capelato (1980) demonstram o perfil da atuação do símbolo da grande imprensa paulista do início do século XX, o *Estado de S. Paulo*. As pesquisas das autoras centradas nos editoriais do periódico, redigidos entre 1925 e 1945, apresentam um jornal de posicionamento conservador, temeroso diante do movimento social e do comunismo. O projeto político da empresa e dos intelectuais componentes da redação era de criar um país seguindo o modelo de sociedade oriundo dos EUA de normatizar as classes populares tornando-as educadas, ordeiras, normatizadas e produtivas (CAPELATO, 1989)[10].

Outros dois periódicos de São Paulo da década de 1920, *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*, apresentavam posicionamentos semelhantes. Capelato e Mota (1981) analisam ambos e identificam que a *Folha da Noite*, criada em 1921, era de tendência liberal e opositora aos governos eleitos, tinha por objetivo atingir um público popular, as classes médias, os funcionários públicos e os operários, tratar dos problemas da cidade e apontar soluções, criticar o Estado e defender o cidadão[11]. Nela havia textos de defesa da classe operária, apoiando a necessidade da legislação trabalhista e da educação para melhoria de vida dos trabalhadores. Entretanto, os autores consideram que essa postura estava subordinada a uma visão produtivista da sociedade, de defesa da harmonia social, objetivando a formação de uma "consciência moral" do operário, da incorporação de princípios cívicos e, portanto, fazia parte de uma estratégia de prevenção à subversão da ordem suscitada pelas classes populares.

O segundo tema abordado pelo *O Baurú* a ser destacado é a situação dos funcionários da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e dos trabalhadores que atuavam nas

[10] Na obra O Bravo Matutino (CAPELATO e PRADO, 1980) há uma análise do posicionamento do O Estado de São Paulo em relação ao movimento operário no período de 1902 e 1917 em São Paulo (Bárbara Weinstein – "Impressões da elite sobre os movimentos da classe operária. A cobertura da greve em O Estado de S. Paulo – 1902-1917". Apêndice, p.135-176). A autora considera que em quatro movimentos políticos grevistas dos operários (1906, 1907, 1912, 1917) pouquíssimas vezes apareceram informações com destaques na primeira página. Apesar de certa indiferença, Weinstein identifica simpatia do jornal pelos movimentos grevista de 1912 e 1917. O *Estado de S. Paulo* condenava a violência operária, mas achava justas as reivindicações por reajustes salariais. A autora argumenta que nesse momento, nas primeiras duas décadas do século XX, a classe operária ainda não era vista pela elite como significativa ameaça à ordem social, "era pequena, fraca e merecedora de proteção", por isso, o posicionamento do periódico ser mais liberal em relação aos movimentos.

[11] Ela foi criada por um grupo de jornalistas que trabalhavam no Estado de S. Paulo e desejam ter um trabalho simultâneo. Sem capital, sem estrutura e com muito improviso, emprestam dinheiro do diretor e se aventuram criando um veículo vespertino que rapidamente conquistou público. Em 1925, eles criaram outro veículo, a *Folha da Manhã* com perfil mais elitista do que a *Folha da Noite*. Em 1929, os dois veículos mudam de posicionamento e são contra o movimento tenentista e da Aliança Liberal. Com a vitória de Getúlio Vargas, as instalações são destruídas por seus apoiadores.

obras de instalação da linha férrea e eram contratados por empreiteiras[12]. O jornal noticiava acidentes de trabalho, falta de assistência médica aos trabalhadores, maus-tratos no trabalho, com situações agravadas para os contratados pelas empreiteiras. Em alguns momentos, os redatores respondiam às criticas que circulariam na cidade e outros periódicos acusando o jornal de ser contra a empresa Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB)[13]. O impresso argumentava que procurava colocar-se como defensor dos direitos dos trabalhadores e contra a exploração exercida pelas empresas empreiteiras no período de construção e contra a própria NOB. As notas e notícias eram entremeadas por comentários solidários aos trabalhadores responsabilizando a empresa pelas péssimas condições de trabalho. Muitas vezes os títulos indicavam os posicionamentos dos redatores.

Em fevereiro de 1910, há denúncia de que um grupo de homens com maleita estava abandonado próximo às instalações da Noroeste em Bauru. Diariamente havia cerca de vinte e cinco pessoas naquelas condições. Sem trabalho, sem dinheiro, sem atendimento médico, o grupo mendigando revelava, segundo o redator, a existência de uma "miséria triste e cheia de horrores"[14]. "Os desgraçados que ontem trabalharam para o progresso de nosso estado, hoje são obrigados a morrer se não de doença, de miséria pelos maus tratos,... morrer de fome". O viés anticlerical é explicitado quando o autor observa que a situação era mais gritante porque os moradores e autoridades de Bauru ficavam indiferentes ao drama ao mesmo tempo em que se mobilizavam para arrecadar dinheiro visando à construção de uma casa paroquial.

Na mesma edição há uma nota informando que o ministro da Viação fora notificado pelo ministério das relações exteriores de que a Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil estava enviando para Assunção no Paraguai trabalhadores doentes. Seria uma estratégia da empresa para desvencilhar-se deles. O redator toma posição em defesa dos indivíduos descartados, além de reportar brevemente o ocorrido, comenta que "é dever da

[12] Em julho de 1909, ocorreu uma greve dos trabalhadores da instalação da linha por estarem sem pagamento há meses (**Greve? Noroeste**. *O Baurú*, 25/07/1909, p.1). Meses depois é noticiada uma confusão envolvendo dois trabalhadores das obras que arrombaram a porta de um estoque de comida para obtê-la por estarem com fome. Quando o feitor e outros trabalhadores descobriram, houve agressão e os dois fugiram graças à passagem de um trem. O redator solidariza-se com os dois ladrões, porque o ato seria justificado pela fome, e critica a arbitrariedade dos funcionários da NOB por agredirem os dois famintos (**Roubos e Pancadas**. *O Baurú*, 30/11/1909, p.1). No mesmo ano, o jornal noticia e protesta contra a situação de um funcionário doente que foi enviado para Bauru para ser tratado, mas teria esquecido o documento médico que o autorizaria a viajar pelo trem em busca de atendimento. O chefe do trem expulsou o trabalhador do carro por ele não ter o bilhete. O indivíduo foi abandonado à beira da linha e no meio do mato sem estar em condições de locomover-se. Tudo fora descoberto e relatado por um jornalista que estava no mesmo trem do ocorrido (**Na Noroeste**- para quem apelar? *O Baurú*, 25/04/1909, p.1).
[13] **Auto-defesa**. *O Baurú*, 27/03/1909, p.1; **Muito Demorou**. *O Baurú*, 09-05-1909.
[14] **ESMOLAS**. *O Baurú*, 13/02/1910, p.1.

companhia zelar pela saúde de seus empregados, provendo-lhes o tratamento, em caso de necessidade"[15]. Um mês depois, nova nota denuncia que, em Itapura, à beira do Rio Paraná, a empresa estava enterrando à noite os corpos de trabalhadores mortos por maleita[16]. Ação devia-se à tentativa de ocultar o número de mortos e não causar alarme entre os trabalhadores[17].

Há sutis diferenças no intricado posicionamento do jornal em relação às diversas instâncias sociais. A defesa dos trabalhadores, a crítica dos exploradores do trabalho e a presença de tendência anarquista dentre os redatores convivem com a simpatia pela ferrovia, particularmente a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (NOB). A construção da rede férrea estava transformando o Oeste de São Paulo. Para usar palavras da época, a ferrovia era entendida como sinônimo de "progresso" e de "modernidade" (CASTRO, 1993). Essa representação social do processo de ocupação da região por fazendas de café, surgimento de cidades e base ferroviária norteava textos apologéticos em torno das transformações do território[18]. E essas transformações eram pensadas na perspectiva da expansão bandeirante dos paulistas que se agigantava por meio da inserção no mercado internacional: "era São Paulo... a terra do Progresso e do café"[19]. Nessa lógica, Bauru era valorizada com o ponto de conexão entre o Mato Grosso e São Paulo, a cidade por onde convergiam três linhas ferroviárias que consolidavam o próspero futuro do país.

Outro ponto, é que a ferrovia financiada por verba federal marcava a presença da presidência da república e articulava relações entre os poderes municipal, estadual e federal. A chegada da NOB à Bauru com sede administrativa e base da construção da linha transformou o vilarejo adquirindo peso político importante[20]. As visitas de autoridades e periódicas inaugurações de trechos eram cobertas por longos textos laudatórios aos eventos e aos visitantes ilustres. Nesse sentido, deve-se destacar a atuação do *O Baurú* em dupla via: ele se posicionava com textos simpáticos à importância da ferrovia para a região, tinha

[15] **Noroeste**. *O Baurú*, 06/02/1901. p.2.
[16] **É POSSÍVEL**. *O Baurú*, 28/03/1901, p.2.
[17] Essas matérias são suficientes para indicar a existência de péssimas condições de trabalhos nas obras de instalação da ferrovia. Castro (1993) demonstra detalhadamente as condições degradantes dos operários na construção da ferrovia Noroeste.
[18] **Noroeste do Brasil**. Importância econômica. *O Baurú*, 16/02/1908. p.2; **De Avanhandava.** *O Baurú*. 27/10/1907. p.1;
[19] "...e que demonstra a prosperidade crescente do Estado que é o esteio econômico da União e o fato quase único do seu progresso". **Chronica Semanal**. O Baurú, 17/11/1912, p.1; **De Viagem**. O Baurú. 05/03/1922. p.1
[20] Dados sobre a cidade são imprecisos. Em matéria do próprio jornal de 1907 aponta a existência de 4.000 moradores na área urbana e 15.000 no município com 800 eleitores (**Collectoria Federal**, O *Baurú*, 20/10/1907).

alinhamento a um grupo liberal do PRP e ainda posicionava-se atrelado ao jogo de forças internas às elites, mas, ao mesmo tempo, combatia as arbitrariedades da empresa em relação ao descaso no tratamento dos trabalhadores e se distanciava da Igreja objetivando um pensamento laico.

Nessa perspectiva, *O Baurú* está distante do perfil moderno, noticioso, empresarial e objetivo que se iniciava no país. O jornal é considerado uma tribuna, remetendo-se às experiências do século XVIII e XIX (HABERMAS, 2003). O principal objetivo do veículo é defender um grupo na luta pelo poder dentro PRP, constituindo uma faceta conservadora, mas o viés libertário revela um impresso produzido por intelectuais com intenções pedagógicas de trabalhar a opinião pública, de divulgar a "verdade", esclarecer sobre a dominação e alimentar a luta contra a tirania, como já ocorrera na França revolucionária (NASCIMENTO, 1989). Por outro lado, ao mesmo tempo em que a incipiente República é conservadora e excludente, e o impresso representa os segmentos dominantes dessa política, ele busca representar, temporariamente, novos setores da cena urbana, os trabalhadores, que não estão apenas no âmbito da urbe, no caso dos ferroviários, mas remetem-se ao processo fabril e de construção da modernidade (HARDMAN, 1991). Uma fração do jornal pretende ampliar seu público, atingir as pessoas comuns, os trabalhadores anônimos, apresentar questões do cotidiano e alguns dilemas da vida moderna, ainda que num viés não mercadológico e com redatores que realizam outras atividades profissionais. Embora a atuação desses redatores não tenha o senso profissional do jornalista, como Schudson apresenta em sua obra, ou não utilize recursos de reportagem já experimentados por João do Rio (MEDINA, 1988), eles atendem à demanda de novos grupos sociais da cidade que também carecem de mediadores comunicacionais.

A combatividade do *O Baurú* não dura muito tempo. A partir de 1913, a militância favorável aos operários entra em descenso, o tom anarquista esvanece e o jornal vai se tornando anódino, embora Cardarelli continuasse na direção. Apesar do curto período de combatividade, é significativo que um periódico pequeno, produzido em uma cidade nova e no interior do estado, opte por eleger os trabalhadores como público um critério de noticiabilidade para definir a pauta (TRAQUINA, 2005). Essa opção pode ser explicada pela importância do movimento anarquista no início do século XX, apesar da repressão

estatal e dos cerceamentos exercidos pelas classes dominantes[21]. Outro ponto é que os ferroviários formavam um grupo significativo nesse período. Compunham um contingente importante de trabalhadores urbanos, registrados, com associações e formas de trabalho com característica industrial. Também já se organizavam politicamente, realizando movimentos reivindicatórios e greves de repercussão nacional. Mas, talvez, o que ajude a explicar, é a presença de intelectuais simpáticos à causa em um jornal de uma cidade que surgia como fronteira do movimento social da época. A reunião de trabalhadores nacionais e oriundos de várias nações (portugueses, espanhóis e italianos) em uma região de fronteira, onde a sociedade não estava ainda totalmente estabelecida e as normas eram tênues, seria vista pela militância como arena suscetível de intensas deflagrações políticas. Nessa lógica, entravam na pauta os direitos dos trabalhadores e a necessidade de reconhecimento social da classe operária e como extensão das lutas que ocorriam nos grandes centros. Mas também a tentativa do jornal em compor uma publicação que atingisse os trabalhadores, fosse leitura de referência das lutas do cotidiano operário que se entreabria no novo oeste de São Paulo.

Por outro lado, as folhas do O Baurú apontam para uma relação diferenciada com outro segmento social oriundos das classes populares. Destaca-se nas notas policiais os bêbados, vagabundos, prostitutas e negros, pois eles não recebiam tanta simpatia da parte dos redatores. Entre os anos de 1907 e 1910, há presença constante de notas relatando casos de bêbados desordeiros sendo presos para garantir a ordem na cidade. As formas dos textos indicam que o consumo exagerado de álcool incomodava a sociedade local e a repressão policial era encarada como a alternativa para a resolução do problema. Essas notas eram curtas , informativas, narrativas, de viés noticioso e, a maioria, bem humoradas, irônicas, desqualificando os sujeitos em pauta e reconhecendo a força de domínio que a cachaça tinha sobre essas pessoas.

O excesso de álcool, associado a atos antissociais, era apresentado como evento típico dos negros, das prostitutas e vagabundos. Em alguns casos parecia aos redatores haver quase uma indissociabilidade entre a “branca” e os “pretos”. No caso dos negros, o texto procurava a identificação da cor e de características físicas típicas que, por sua vez, e

[21] Uma demonstração da existência de movimentos de trabalhadores que procuravam se organizar é uma nota da Liga Operária informando que no início do ano seguinte seriam reajustados os ordenados de pedreiros e serventes. (**Liga Operária**. *O Baurú*, 24/12/1912).

em oposição, não eram utilizadas para identificar alguém branco[22]. Ou seja, ser negro já era uma diferenciação social e fazia parte das regras do texto informar ao leitor em que lugar da sociedade o personagem estava. Vejamos três exemplos.

> **"Todas no páu-** As pretas Bertolina Maria de Jesus, Maria de Souza e a célebre vagabunda Maria Macaca, anteohontem num frege da rua dos cachorros as três marias discutiam: a qual bebesse tres copos da branca que passarinho não bebe, ganhava um par de chinellos... Mãos à obra; as três ferram num grosso bicchieri... resultando irem todas para a cadeia" (*O Baurú*, 01/08/1909, p.2).
>
> **"A Zero**- O preto Bernardino Oliveira, vulgo Barnabé...entrou num armazém e encheu se da branca começando a provocar todos que passavam... Barnabé, ficou valente, quiz experimentar para quanto vale um preto velho de guerra... mas, a branca que ele havia tomado teve mais força do que o valente. Barnabé, sem forças, foi conduzido para a cadeia...." (*O Baurú,* 08/08/1909, p.2).
>
> **"Scena escandalosa**... No dia 7 do corrente, à tarde, uma preta em completo estado de embriaguez, deu formidável espectáculo em plena rua Araujo Leite. É o caso que a descendente de Caim pulou à rua em trajes de Adão trazendo o rubor às faces dos incautos transeuntes... e à custo conduziram a furiosa ao posto policial – logar onde acalmam as sugestões alcoólicas" (*O Baurú,* 11/10/1908, p.2).

Com brancos e pessoas reconhecidas de bem e componentes da chamada "sociedade" (como se nem todos fizessem parte dela) os critérios de redação eram opostos. Normalmente notas polícias sobre ocorrências envolvendo pessoas brancas e consideradas de bem, "estimadas", não havia prévio julgamento e adjetivos detratores.

Schwarcz (2001) estudou a imprensa paulistana na segunda metade do século XIX e identificou a presença da divulgação de teorias científicas do período, tais como do evolucionismo biológico de Darwin, do evolucionismo social de Spencer e da antropologia criminal de Lombroso. Essas teses alimentavam leituras de casos cotidianos de alcoolismo, assassinatos e ociosidade noticiados nos grandes jornais. E a raça era um viés por onde as diferenças sociais estariam marcadas. Schwarcz demonstra que O *Correio Paulistano* e a *Província de São Paulo* noticiavam acontecimentos envolvendo negros, escravos ou libertos, representados de maneira predominante como selvagens, sem civilização e praticantes de costumes bárbaros, violentos, frios, ingratos, sem capacidade de autonomia, degenerados com vícios físicos e morais, suscetíveis ao álcool, ao ócio, à promiscuidade e

[22] Em uma nota de briga entre mulheres embriagadas, elas não são qualificadas como negras, mas há indicações pelo tipo de cabelo citado. As duas mulheres "depois dos cumprimentos, avançaram num trago da branquinha, e com alta pressão das caldeiras começaram a espirrar contra o vapor, agarrando-se pelos 'carrapichos'. Porém Paulista, que segurava a garrafa levantou-a e espedaçou-a na testa da visitante, abrindo uma brecha na região frontal..." **Amisade à... garrafa**. *O Baurú*. 05/09/1909, p.2.

perversões sexuais.

É possível observar que as notas apresentam viés informativo e ao mesmo tempo explicitam os valores compartilhados entre redatores e leitores. Os adjetivos, o humor e o sarcasmo fazem parte da informação, do conceito de jornalismo vigente que reproduz padrões sociais e culturais e orientam os olhares no espaço urbano, marca distinções que não são mais jurídicas e sim de valores e de distinção sociais, padrões de urbanidade normatizadores de uma cidade que se formava com pessoas heterogêneas e vindas de vários lugares.

Apesar de Bauru ser uma cidade pequena, ela está em ebulição com a chegada das ferrovias e a crescente população de origens diversas. E essa efervescência irrompe nas páginas do *O Baurú*, seja por meio da classe operária, seja pela presença dos negros, mas o conservadorismo se reorganiza. Entretanto, os dois grupos vão gradativamente desaparecendo das páginas do periódico. Os polos opostos de afirmação e negação submergem pelo texto mais comedido, pela cena urbana higienizada, pela elitização dos critérios de escolhas dos problemas a serem veiculados. A bibliografia indica que o movimento social permaneceu nas décadas seguintes no país, que continuou a marginalidade dos negros e outros grupos pobres, mas ambos foram ignorados por essa imprensa interiorana que era mais seletiva na escolha da noticiabilidade. *O Baurú* torna-se anódino nos anos seguintes, voltado para a política local e ignorando os conflitos cotidianos da cena urbana.

Apenas na década seguinte surgem novos direcionamentos com um veículo regional, *Diário da Noroeste*, publicado entre 1925 e 1930, com proposta de independência política e econômica e conectado a jornais e profissionais de São Paulo e do Rio de Janeiro. A cidade e a região já apresentavam economia mais intensa e população maior, com suporte publicitário ampliado e publico leitor multiplicado. O Diário centra-se em textos noticiosos e informativos, embora não tenha abandonado a opinião, principalmente em relação aos temas da política e os dilemas da economia cafeeira (GOBBI, 2010). A vida urbana com seus problemas estruturais e físicos aparece com relativa intensidade, o olhar dos cidadinos é entreaberto por comentários e reclamações, mas a classe operária é ignorada, não aparecem nas páginas do jornal. Da mesma maneira, as campanhas moralizadoras e higienizadoras não são citadas. Ou considera-se que não devem ser veiculadas ou já foram razoavelmente implantadas. Nessa linha, os textos estão ligeiramente objetivos e os redatores com intensões profissionalizadas. Um tema para outra apresentação.

Para finalizar. A trajetória do *O Baurú* é rica por contribuir para a problematização da imprensa brasileira do início do século XX, pois reforça determinadas análises das características do jornalismo praticado no período e do seu lento processo de transformação, ao mesmo tempo em que apresenta particularidades próprias indicando a existência de significativa diversidade de combinações e propostas do fazer jornalístico profissionalizado ou não.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria A. **Censura, imprensa e Estado Autoritário (1968-1978):** o exercício da dominação e da resistência. O Estado de São Paulo e Movimento Bauru: EDUSC, 1999.

BARBOSA, Marialva. **Os Donos do Rio**. Rio de Janeiro: Vicio de Leitura, 2000.

BRAGA, José L. Questões Metodológicas na leitura de um jornal. MOUILLAND, Maurice, PORTO, Sérgio D. **O Jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Editora UNB, 2002. p. 321-34.

CAPELATO, Maria H. **Os Arautos do Liberalismo**. Imprensa Paulista 1920-1945. São Paulo: Brasiliense. 1989.

CAPELATO, Maria H.; PRADO, Maria. L. **O Bravo Matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de S. Paulo. São Paulo: Editora Alfa-Ômega. 1980.

CAPELATO, Maria H.; MOTA, Carlos G. **História da Folha de S. Paulo**: 1921-1981. São Paulo: IMPRES, 1981.

CASTRO, Maria I. M. **O Preço do Progresso.** A Construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil (1905-1914). Mestrado em História. Campinas: Unicamp. 1993.

CRUZ, Heloisa de F. **São Paulo em Papel e Tinta**: periodismo e vida urbana – 1890-1915. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.

FERREIRA, Maria N. **A Imprensa Operária no Brasil** - 1880-1920. Petrópolis, Vozes, 1978.

HABERMAS, Jurgen**. Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HARDMAN, Francisco F. **Trem Fantasma.** A Modernidade na Selva. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GOBBI, Talita. **Cidade, Sociedade e Imprensa no Diário da Noroeste**. Relatório de Iniciação Científica, Fapesp, 2010.

JEANNENEY, Jean-Nöel. A Mídia. In: REMOND, R. (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 2003. p.213-230.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda**. Jornalismo na sociedade urbana e industrial. 3. ed. São Paulo. Summus. 1988.

NASCIMENTO, Milton M. **Opinião Pública & Revolução**. Aspectos do discurso político na França Revolucionária. São Paulo: EDUSP, Nova Stella, 1989.

RIBEIRO, Ana. P. G**. Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950.** Rio de Janeiro: e-papers, 2007.

RIBEIRO, Mariana. **Jornalismo, Cidade e Sociedade em O Baurú**. Relatório de Iniciação Científica, Fapesp, 2013.

SODRÉ, Nelson. W. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SCHUDSON, Michael. **Discovering The News**. A Social History of American Newspapers. Basic Books, 1978.

SMITH, Ane-Marie. **Um Acordo Forçado:** o consentimento da imprensa à censura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

SIRINELLI, Jena-François. Os Intelectuais. In: REMOND, R. (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV/UFRJ, 2003. p.231-269.

SOUZA, Jorge P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo.** Chapecó: Editora Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. V.1. 2. ed. Florianópolis: Insular. 2005.